

## O PESSIMISMO METALITERÁRIO DE PÉRSIO

*Lucas Amaya<sup>a</sup>*

### RESUMO

O traço cômico que leva ao questionamento e à crítica sempre fez parte da alma romana. Porém, um criticismo literário se solidificaria a partir dos gêneros influenciados pelo helenismo crescente desde o final da República. Não por acaso, o direito de crítica, já enterrado por leis, somou-se ao avanço literário, e através das sátiras, como a de Pérsio aqui analisada, cria uma nova linha de crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: Pérsio; sátira; crítica literária.

Recebido em: 29/10/17

Aprovado em: 02/02/18

### Introdução

Desde que a cultura artística da escrita se fez enraizada na República Romana, a reflexão sobre o processo de composição e do papel das obras artístico-literárias foi tema dessas mesmas obras artístico-literárias. Na mesma toada, a crítica e a ridicularização dos diferentes tipos de trabalhos literários, ou, se podemos assim nomear, discursos literários e de seus adeptos sempre estiveram presentes em obras bem específicas.

O riso parece ter estado presente na cultura da grande urbe desde antes da necessidade de tal adjetivo para si. Não sabemos se o que hoje poderíamos

---

<sup>a</sup> Doutorando na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Membro do ATRIVM – Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade. [lucasamaya@gmail.com](mailto:lucasamaya@gmail.com).

chamar de intervenção artística urbana feita por histriões<sup>1</sup> é de origem totalmente etrusca ou se haveria também influências de povos itálicos. Sabemos que mesmo antes da chegada do teatro nos moldes gregos, intervenções musicais com mímicas e possivelmente falas eram representadas em Roma, como as *Fabullae Atellanae*.<sup>2</sup>

Porém, é no século III A.E.C. que os gêneros que cercam o riso se firmam em Roma. Névio<sup>3</sup> começa a produzir poemas com fortes críticas políticas, que possivelmente lembravam os *carmina fesceninna*; Plauto estabelece a Comédia Nova<sup>4</sup> em língua latina, seguido por Terêncio algumas décadas depois; Ênio começa a desenvolver os embriões do que seria o gênero poético satírico, aperfeiçoado como modelo literário por Lucílio, um século depois. Quintiliano diria, já no período imperial, que “a Sátira, em verdade, é toda nossa, na qual Lucílio foi o primeiro a alcançar um louvor sem igual louvor”,<sup>56</sup> ou seja, o que seria entendido após o período augustano<sup>7</sup> como *Satura*, ou *Satira*, nascera com pulsação romana, ainda que muito se devesse aos etruscos e aos gregos em diversos níveis.

Um tema recorrente nos autores satíricos de que temos registros é o processo de composição e de recepção da literatura na sociedade romana. O respeito pelos modelos estabelecidos e pelos limites já conhecidos é uma forte marca dos romanos, principalmente na poesia. Há sempre referências diretas e indiretas a famosos poetas mais antigos, como também processos de emulação

---

<sup>1</sup> *Histrion* significa num primeiro momento um tipo de dançarino comum na península itálica, posteriormente significando ator num sentido geral.

<sup>2</sup> Gênero tipicamente itálico e com fortes traços cômicos, existente pelo menos desde o começo do século IV AEC, com origem na cidade de Atela, na Campânia. Eram intervenções artísticas que promoviam de variadas formas a exposição de vícios e falhas, motivo pelo qual se tornaram proibidas por volta do século II AEC.

<sup>3</sup> *Gnaeus Naevius*, século III AEC, cidadão romano da Campânia; considerado o último grande autor a usar o verso Saturnino, uma forma antiga de se fazer poesia em Roma.

<sup>4</sup> Gênero literário que surge no período helenístico de Atenas, quando a democracia ateniense e sua liberalidade já não existiam mais. O principal poeta grego e tal estilo fora Menandro, cujas obras foram objeto de imitação e emulação dos latinos.

<sup>5</sup> *Satura quidem tota nostra est, in qua primus insignem laudem adeptus Lucilius (Institutio Oratoria, X.93)*

<sup>6</sup> Todas as traduções deste artigo são de nossa responsabilidade.

<sup>7</sup> Entre as décadas de 30 AEC a 10 EC.

ou imitação, com versos iguais ou muito próximos, com a mesma estrutura métrica ou sintática. Assim, o mesmo uso de metros, tema e vocabulário formam um mesmo modelo junto ao qual os poetas das sátiras circulavam.

Essa necessidade de demonstração de modelos se faz em diversos gêneros: nos epílogos de Marcial, nas cartas de Plínio e de Cícero, e até mesmo no poema filosófico de Lucrecio. Porém, o desenvolvimento dessa motivação na Sátira se faz de forma particular para aumentar também a sua própria base temática, como o questionamento do padrão comportamental e físico de determinado grupo em recorte temporal específico.

Nosso presente artigo objetiva, exatamente, analisar este processo de metacomposição em um autor que, por vezes, parece ser um pouco ignorado, Pérsio, seja em razão a sua obscuridade, seja em razão a sua complexidade. A primeira sátira desse autor trata exatamente da posição dele como poeta perante a sociedade romana, de sua produção literária e de seus objetivos em escrever sátiras naquele momento específico.

## **Do risível e do criticável: a sátira e seus papéis sociais no século I e.C.**

Apesar de Ênio ter sido o primeiro poeta a compor obras muito próximas à Sátira em Roma, outro autor é considerado o primeiro a estabelecer tal gênero: Caio Lucílio, quase cem anos posterior a Ênio. Este é posterior aproximadamente um século a Ênio, mas teria ainda vivido a continuação do círculo dos Cipiões e teria tido contato, ainda que pequeno, com comediógrafos, poetas helenistas e filósofos. Nascido de uma linhagem de boa posição social, o poeta trabalhou em bibliotecas, tendo acesso livre a obras literárias em geral. Ficou famoso também por se ater a poucos pés diferentes em seus versos, sendo a maior parte de seus fragmentos composta de hexâmetros datílicos, como se pode depreender da sátira horaciana 1.4, versos 9 e 10, [...] frequentemente ditava duzentos versos em uma hora, ficando num pé só, como se fosse algo grandioso.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> [...] *in hora saepe ducentos, / ut magnum, uersus dictabat stans pede in uno*. O texto permite uma dupla proposital interpretação sobre a monotonia dos recitais de Lucílio, bem com sua incapacidade de trocar o pé métrico de seus versos.

Depois de Lucílio, a sátira demorou a se estabilizar como gênero literário, tendo como expoentes Catulo – que não é um poeta satírico, mas assume por vezes tal veia, ainda antes do período augustano – e Horácio. O poeta que destacamos aqui é posterior a todos. Falamos de Aulo Pérsio Flaco, poeta que nasceu em Volterra, cidade de remanescente origem etrusca, e viveu durante o primeiro século da Era Comum.

Com estilo peculiar e composição corrente de hexâmetros datílicos, Pérsio ficou conhecido por seu estilo obscuro, com metáforas e figuras representativas que traziam aspectos culturais de sua sociedade e com referências literárias muito pontuais. Ele nega uma maior lapidação retórica em sua composição, em verdade, apresenta um estilo duro próximo de uma linguagem comum, próxima à fala, usando ferramentas como quebras bruscas na sequência discursiva. Apesar disso, arcaísmos e vocabulário rebuscado são claros e recorrentes em suas sátiras.

A sua mais clara influência foi o poeta Horácio, segundo Martin e Gaillard (1990, p. 391):

Essa concepção de gênero lembra muito aquela de Horácio: ele trata primeiro de mostrar, de modo familiar e com múltiplos exemplos concretos, reflexões de caráter moral. Pérsio fustiga a avareza, preguiça, denuncia o orgulho dos grandes de seu tempo, avisa sobre a escravidão das paixões, aos olhos dele mais perigosa que a escravidão em si. Na sátira primeira ele se aventura também sobre o terreno literário e zomba dos gostos dos poetas amantes de gosto helenizado. No geral toma forma de um diálogo, no estilo de diatribe, ora como uma carta – novamente aí voltamos ao estilo de Horácio.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Sa conception du genre ressemble beaucoup à celle d'Horace: il s'agit avant tout de présenter, sous une forme familière et en multipliant les exemples concrets, des réflexions de caractère moral. Perse fustige l'avarice, la paresse; il dénonce l'orgueil des grandes de ce monde, et met en garde contre l'esclavage des passions, plus redoutable à ses yeux que l'esclavage proprement dit; dans la satire I il s'aventure aussi sur le terrain littéraire, et se moque des poètes amateurs de goût hellénisant. Le tout prend la forme tantôt du dialogue, dans le style de la diatribe, tantôt de l'épître – ici encore nous retrouvons la manière d'Horace. (Todas as traduções são de nossa responsabilidade)

E ainda que se oponha filosoficamente a Horácio – Pérsio se mostra um pilar estoico, enquanto Horácio é um ícone epicurista –, as temáticas são muito próximas, além de Pérsio usar abertamente ou fazer referência a diversos versos consagrados por Horácio,. Ambos viveram momentos histórico-sociais distintos e de pequena diferença temporal: o epicurista viveu no período augustano, o estoico viveu no período neroniano, sendo o primeiro louvado pelo Senado e o segundo eternizado como um cruel tirano; em ambos os recortes, há uma forte presença da influência helênica e um afastamento doloroso cada vez maior das características culturais e políticas do sistema republicano; a produção literária parece perder sua originalidade, aumentando o volume de traduções ou adaptações de obras gregas.<sup>11</sup>

Contudo, a crítica ao cenário literário romano sempre foi constante. Em muitos outros tipos de obras literárias, a crítica estava presente: Catão, o Censor, abordava os malefícios que a conduta grega traria aos jovens romanos, inclusive na escrita; Terêncio criticava Plauto e outros pela corrupção dos textos gregos em suas emulações e pela desinformação; Cícero criticava ora um grupo, ora outro por suas escolhas e ideais, como os poetas neotéricos. Na poesia, temos algumas críticas a pessoas e a comportamentos na poesia de Catulo, que não é um satírico em si, nos *sermões* horacianos, e, posteriormente, teríamos ainda nos epigramas de Marcial, que ficou famoso por falar de pessoas e de vícios.

## A sátira I de Pérsio, a crítica a poetas e a leitores

A primeira sátira que temos de Pérsio – o mais provável é ela estivesse numa coletânea publicada após a morte do autor – é uma obra literária sobre a literatura contemporânea. O que leva alguém a escrever? E a quem importa ler o que há de se escrever? Senão, vejamos a sátira completa:

*'O curas hominum, o quantum est in rebus inane!  
'quis leget haec?' 'min tu istud ais? nemo hercule.'* *'nemo?'  
'vel duo vel nemo.'* *'turpe et miserabile!' 'quare?'*

---

<sup>10</sup> Ainda que o período augustano seja de grande florescer literário, Horácio diz na *Ars Poetica* (v. 128 a 179) que a mera tradução de textos gregos se tinha proliferado muito em seu tempo.

*ne mihi Polydamas et Troiades Labeonem  
 praetulerint? nugae. non, si quid turbida Roma 5  
 eleuet, accedas examenque improbum in illa  
 castiges trutina, nec te quaesiveris extra.  
 nam Romae quis non—a, si fas dicere—sed fas  
 tunc cum ad canitiem et nostrum istud vivere triste  
 aspexi ac nucibus facimus quaecumque relictis, 10  
 cum sapimus patruos; tunc tunc ignoscite; (nolo:  
 quid faciam? sed sum petulanti splene) cacinno.  
 ‘Scribimus inclusi, numeros ille, hic pede liber,  
 grande aliquid, quod pulmo animae praelargus anhelet.  
 scilicet haec populo pexusque togaque recenti 15  
 et natalicia tandem cum sardonyche albus  
 sede leges celsa, liquido cum plasmate guttur  
 mobile conlueris, patranti fractus ocello.  
 tunc neque more probo videas nec voce serena  
 ingentis trepidare Titos, cum carmina lumbum 20  
 intrant et tremulo scalpuntur ubi intima versu,  
 tun, vetule, auriculis alienis colligis escas,  
 auriculis, quibus et dicas cute perditus ‘ohé?’  
 ‘quo didicisse, nisi hoc fermentum et quae semel intus  
 innata est rupto iecore exierit caprificus? 25  
 en pallor seniumque!’ ‘o mores, usque adeone  
 scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter?’  
 ‘at pulchrum est digito monstrari et dicier ‘hic est’;  
 ten cirratorum centum dictata fuisse  
 pro nihilo pendes?’ ‘ecce inter pocula quaerunt 30  
 Romulidae saturi, quid dia poemata narrent;  
 hic aliquis, cui circum umeros hyacinthina laena est,  
 rancidulum quiddam balba de nare locutus  
 Phyllidas, Hypsipylas, vatium et plorabile siquid,  
 eliquat ac tenero subplantat verba palato. 35  
 adsensere viri: nunc non cinis ille poetae  
 felix? non levior cippus nunc inprimit ossa?’*

*laudant convivae: nunc non e manibus illis,  
 nunc non e tumulo fortunataque favilla  
 nascentur violae?’ rides,’ ait, ‘et nimis uncis 40  
 naribus indulges, an erit qui velle recuset  
 os populi meruisse et cedro digna locutus  
 linquere nec scombros metuentia carmina nec tus?’  
 ‘Quisquis es, o modo quem ex adverso dicere feci,  
 non ego cum scribo, si forte quid aptius exit, 45  
 quando haec rara avis est, si quid tamen aptius exit,  
 laudari metuam; neque enim mihi cornea fibra est.  
 sed recti finemque extremumque esse recuso  
 ‘euge’ tuum et ‘belle.’ nam ‘belle’ hoc excute totum:  
 quid non intus habet? non hic est Ilias Atti 50  
 ebria veratro? non siqua elegidia crudi  
 dictarunt proceres? non quidquid denique lectis  
 scribitur in citreis? calidum scis ponere sumen,  
 scis comitem horridulum trita donare lacerna,  
 et ‘verum’ inquis ‘amo, verum mihi dicite de me.’ 55  
 qui pote? vis dicam? nugaris, cum tibi, calve,  
 pinguis aqualiculus propenso sesquipede extet.  
 o Iane, a tergo quem nulla ciconia pinsit,  
 nec manus auriculas imitari mobilis albas,  
 nec linguae quantum sitiatis canis Apula tantum! 60  
 vos, o patricius sanguis, quos vivere fas est  
 occipiti caeco, posticae occurrere sannae.  
 quis populi sermo est?’ ‘quis enim, nisi carmina molli  
 nunc demum numero fluere, ut per leve severos  
 effundat iunctura unguis? scit tendere versum 65  
 non secus ac si oculo rubricam derigat uno.  
 sive opus in mores, in luxum, in prandia regum  
 dicere, res grandes nostro dat Musa poetae.’  
 ‘ecce modo heroas sensus adferre videmus  
 nugari solitos graece, nec ponere lucum 70  
 artifices nec rus saturum laudare, ubi corbes*

*et focus et porci et fumosa Palilia faeno,  
 unde Remus sulcoque terens dentalia, Quinti.  
 cum trepida ante boves dictatorem induit uxor  
 et tua aratra domum lictor tulit: euge poeta! 75  
 est nunc Brisaei quem venosus liber Acci,  
 sunt quos Pacuviusque et verrucosa moretur  
 Antiopa, aerumnis cor luctificabile fulta.  
 hos pueris monitus patres infundere lippos  
 cum videas, quaerisne unde haec sartago loquendi 80  
 venerit in linguas, unde istud dedecus, in quo  
 trossulus exultat tibi per subsellia levis?’  
 ‘Nilne pudet capiti non posse pericula cano  
 pellere, quin tepidum hoc optes audire ‘decenter?’  
 ‘fur es,’ ait Pedio. Pedius quid? crimina rasis 85  
 librat in antithetis, doctas posuisse figuras  
 laudatur: ‘bellum hoc.’ hoc bellum? an, Romule, ceves?  
 men moveat? quippe et, cantet si naufragus, assem  
 protulerim? cantas, cum fracta te in trabe pictum  
 ex umero portes? verum, nec nocte paratum, 90  
 plorabit qui me volet incurvasse querella.’  
 ‘Sed numeris decor est et iunctura addita crudis.  
 claudere sic versum didicit ‘Berecyntius Attis’  
 et ‘qui caeruleum dirimebat Nerea delphin’;  
 sic ‘costam longo subduximus Appennino.’ 95  
 ‘arma virum! nonne hoc spumosum et cortice pingui,  
 ut ramale vetus vegrandi subere coctum?  
 quidnam igitur tenerum et laxa cervice legendum?’  
 ‘torva Mimalloneis implerunt cornua bombis,’  
 et ‘raptum vitulo caput ablatura superbo 100  
 Bassaris,’ et ‘lynxem Maenas flexura corymbis  
 euhion ingeminat, reparabilis adsonat echo!’  
 ‘haec fierent, si testiculi vena ulla paterni  
 viveret in nobis? summa delumbe saliva  
 hoc natat in labris, et in udo est Maenas et Attis, 105*

*nec pluteum caedit nec demorsos sapit unguis.*  
 ‘Sed quid opus teneras mordaci radere vero  
 auriculas? vide sis ne maiorum tibi forte  
 limina frigescant: sonat hic de nare canina  
 littera.’ per me equidem sint omnia protinus alba; 110  
 nil moror: euge! omnes, omnes bene, mirae eritis res!  
 hoc iuvat? ‘hic’ inquis ‘veto quisquam faxit oletum.  
 pinge duos anguis: pueri, sacer est locus, extra  
 meite: discedo. secuit Lucilius urbem, ,  
 te Lupe, te Muci, et genuinum fregit in illis; 115  
 omne vafer vitium ridenti Flaccus amico  
 tangit et admissus circum praecordia ludit,  
 callidus excusso populum suspendere naso:  
 men muttire nefas? nec clam? nec cum scrobe? nusquam?  
 hic tamen infodiam. vidi, vidi ipse, libelle: 120  
 auriculas asini quis non habet? hoc ego opertum,  
 hoc ridere meum, tam nil, nulla tibi vendo  
 Iliade. audaci quicumque adflate Cratino  
 iratum Eupolidem praegrandi cum sene palles,  
 aspice et haec, si forte aliquid decoctius audis. 125  
 inde vaporata lector mihi ferveat aure,  
 non hic qui in crepidas Graiorum ludere gestit  
 sordidus et lusco qui possit dicere ‘lusce’  
 sese aliquem credens, Italo quod honore supinus  
 fregerit heminas Arrcti aedilis iniquas, 130  
 nec qui abaco numeros et secto in pulvere metas  
 scit risisse vafer, multum gaudere paratus,  
 si cynico barbam petulans nonaria vellat.  
 his mane edictum, post prandia Calliroen do.’

(P<sup>11</sup>) “Ó dores dos homens! Ó, quanto há de desforme nas coisas!”

---

<sup>11</sup> (P) – Pérsio, representando a voz que o poeta constrói para si; (I) para interlocutor.

- (I) Quem lê isto?  
(P) Realmente perguntas isto? Por Hércules, ninguém!  
(I) Ninguém?  
(P) Um ou dois, ou ninguém.  
(I) Que coisa horrível!

(P) Por quê? Acaso Polidamas<sup>12</sup> e as troianas prefeririam [Ácio] La-beão<sup>13</sup> a mim? Besteira. Se a conturbada Roma respeita algo, não venhas e questiones o incorreto exame naquela balança, e não procures opinião diferente da tua. Pois alguém em Roma não... – ah, se é justo dizer – mas... depois de observar para teus grisalhos cabelos e este nosso triste viver, passa a ser justo... e, abandonadas as nozes,<sup>14</sup> qualquer coisa que temos feito, quando recendemos a tios [velhos]. Então, então, perdoa a mim! (não quero, o que farei? Eu tenho um baço petulante!<sup>15</sup>) – eu rio.

Amordaçados escrevemos uma obra em verso, outra livre de pés, algo [tão] grande que o pulmão arquejaria cheio de ar. Todavia, certamente tu, bem penteado, em uma toga nova, sereno lerás isto em público com [um anel de] pedra sardônica [que ganhastes] de aniversário, numa cadeira alta, com olhar lascivo. Molharás a garganta que não para com uma bebida grossa, e então [talvez] vejas os ingentes Titos<sup>16</sup> hesitarem nem em costume probo, nem em voz serena, quando os poemas entrarem na espinha dorsal, onde as partes mais internas são escavadas pelo verso que as estremece. Tu, velho, coletas atrativos aos ouvidos dos outros, ouvidos aos quais tu, com a pele deformada [pelo tempo], dirias ‘chega!’

---

<sup>12</sup> Personagem homérica.

<sup>13</sup> Poeta romano contemporâneo a Pérsio, de pouca expressão.

<sup>14</sup> Comumente usadas para pintar os cabelos.

<sup>15</sup> Acreditava-se que as emoções ficariam no fígado e no baço.

<sup>16</sup> Uma das primeiras famílias a habitar o Lácio que se tinha notícia.

(I) Para que estudar, se este talento não terá fermentado ao passo que aquela figueira silvestre florescida no fígado aberto não terá germinado?<sup>17</sup> Eis nossa palidez e austeridade!

(P) Ó bons costumes! Acaso teu conhecimento não tem valor, se outro não souber que tu sabes?

(I) Mas é agradável quando apontam o dedo apontado e dizem “é este!”. Acaso tu não te importas de ter sido a lição de uma centena [de jovens] com cacheados cabelos?

(P) Eis o que os filhos de Rômulo, ao estarem alimentados, procuram entre os goles: “o que narrariam as divinas poesias?”. Aí alguém, cujos ombros estão cobertos com uma capa roxa, come as palavras com uma boca afeminada, tendo falado algo rânccio, gaguejando e fungando, narra confusamente sobre Fílis, Hipsípila e algo triste dos rapsodos. Os [grandes] varões aprovaram, [mas] então aquelas cinzas do poeta estão felizes? A coluna funerária imprime agora menor pressão em [seus] ossos? Os convivas aplaudem, aí [então] as violetas nascem daqueles Manes, daquele túmulo, daquelas abençoadas brasas?

(I) “Ris”, diz, “e é muito condescendente para com teu nariz em pé”. Por acaso haverá alguém que recusaria desejar ser digno da boca do povo e proferir poemas dignos de resina de cedro,<sup>18</sup> [ou que recusaria] deixar seus poemas serem usados como isca ou suporte de incenso?”

(P) Quem quer que sejas [tu], quem eu fiz de contraponto, se por ventura sai algo bom quando escrevo, posto que isso é

---

<sup>17</sup> Para os romanos, os sentimentos, inclusive o bom humor e as risadas, eram gerados no baço e no fígado. Daí, os talentos naturais de cada um germinarem em órgãos específicos.

<sup>18</sup> Usada para aumentar a longevidade de papiros.

uma ave rara, mesmo se sai algo bom, não temerei ser louvado, pois não sou insensível. Mas me recuso aceitar que o mais alto critério literário ser teu “*Bravo*”, ou “*Belíssimo*”. Pois desenvolva tu este conceito, “*Belíssimo*”: o que ele não engloba? Aí não está a *Ilíada* de Ácio, ébria com heléboro?<sup>19</sup> Não há elegias a serem ditadas por crus nobres? Não há quaisquer coisas que são escritas em meio aos ponches alcóolicos de frutas cítricas? Tu sabes servir deliciosos pratos ainda quente, sabes dar um agasalho surrado ao conviva com frio, e dizes “amo a verdade, então me diga apenas verdades sobre mim”. Como é possível eu dizer o que queres? Falas bobagens quando tu, calvo, tens uma pança obtusa com mais de um pé e meio para fora. Ó Jano,<sup>20</sup> nenhuma cegonha te bica pelas costas, nem as mãos que abanam imitando um burro, nem línguas como as de um cão da *Apulia* sedendo. E vós, de nobres famílias, aos quais é permitido viver com a nuca cega, virai e encarai vós a zombaria que está atrás. Qual é a opinião do povo?

(I) Qual seria [a opinião do povo], de fato, se não os poemas deverem fluir ao menos com verso maleável, uma vez que deixaria correr livremente através das severas unhas na junção polida.<sup>21</sup> [Um poeta que] ajeita os versos como se usando apenas um olho alinhasse-os com uma régua vermelha. Ou se a obra é sobre os costumes, o luxo, as refeições dos reis, a música dá ao nosso poeta [a capacidade de] dizer grandes coisas.

(P) Eis aqui, acabamos de ver [homens] trazerem sentimentos heroicos, [homens estes] acostumados a zombar em versos

<sup>19</sup> Planta usada para fazer fármacos, que se em uso excessivo – de que é acusado Ácio Lubião – faria o usuário perder a lucidez.

<sup>20</sup> Deus romano que teria duas fases, uma na frente e uma atrás.

<sup>21</sup> Referência ao trabalho do escultor, que usaria as unhas para achar imperfeições – sulcos ou saliências – passando as unhas.

gregos, mas não são artífices [capazes de] representar os sacros bosques, nem louvar o farto campo, onde há cestas, um altar dos Lares, uns porcos e enfumaçada de feno, as festas de fundação da cidade. Disso surge Remo, e [tu] Quinto Cincinato,<sup>22</sup> desgastando os dentes do arado no sulco [da terra], quando a trépida esposa te vestiu ditador perante os bois, e o lictor levou teus arados para casa. *Bravo*, poeta! Há quem o árido livro do bacaniano Ácio prenda agora, ou aqueles que a verrugosa Antiópa e Pacúvio<sup>23</sup> prendam, [tendo ela] sustentado o coração transido de dor pelas provações. Quando tu vês remelentos pais verterem essas predições a crianças, procuras de onde é essa mistura de falas [que] viria à língua? De onde é essa desonra, na qual teu frágil cavaleiro<sup>24</sup> saltitaria nos assentos senatoriais?”

Nada te envergonha? Nem ser incapaz de afastar os perigos para longe de tua cabeça branca, que preferiria ouvir essa morna palavra, “decentemente”? “És ladrão”, disse [o promotor] a Pédio. O que Pédio<sup>25</sup> responde? Ele compara os crimes em antíteses engenhosas, é louvado por ter posto doudas figuras [de linguagem]. “Isso é belo”. Isso é belo? Acaso, ó Rômulo, abanas o rabo? Comoveria a mim se um náufrago cantasse? Eu certamente teria doado um asse? Cantas quando no ombro carregas a ti mesmo pintado num quadro?<sup>26</sup> Aquele que deseja eu ter me curvado por sua querela, chorará lágrimas reais, não aquelas preparadas pela noite.

---

<sup>22</sup> Quinto Cincinato, primeiro ditador de Roma.

<sup>23</sup> Poeta do século III a.C. Teria escrito uma tragédia sobre a rainha de Tebas, Antiópa.

<sup>24</sup> Os trossolos eram cavaleiros que, apesar de terem ganhado uma batalha sem ajuda dos soldados a pé, eram motivo de piada, comumente chamados de efeminados nobres, sem importância.

<sup>25</sup> Referência a nome de um advogado apresentado por Horácio.

<sup>26</sup> Era comum a náufragos pintar quadros de seu próprio naufrágio e expô-los na rua, pendurado nos ombros, para pedir esmola.

Mas o adorno e a composição são adicionados aos crus metros. Aprendeu ele a fechar um verso assim “Berecincio Átide”, e “o golfinho que dirimia o cerúleo Nereu”, da mesma forma “subtraímos uma costela do longo Apenino”.<sup>27</sup>

(P) As armas e o varão...! Acaso não isso não é espumoso e com uma casca gorda, como lenha velha preparada com sobreiro pequeno? O que, portanto, é tenro e deve ser lido com o pescoço relaxado?

(I) “Encheram os selvagens chifres com ruídos das bacantes”, e “a bacante a tirar a cabeça presa do soberbo vitelo”, e “o sacerdote de Baco, a curvar lincos com cachos de hera, a repetir Évio, ressoa o eco repetido!”.<sup>28</sup>

(P) Esses [versos] seriam compostos, se alguma veia do testículo paterno vivesse em nós? Essa coisa frágil, que flutua na saliva dos lábios, o sacerdote de Baco e o Átide estão aí [na boca do povo]. Nem a escrivainha está frouxa, nem conhece as unhas gastas.

(I) Mas qual a necessidade de arranhar os ouvidos tenros com [essa] verdade mordaz. Toma cuidado para que as portas dos grandes ocasionalmente não se fechem para ti, aí ressoa o rosnado do cão.

(P) Se depender de mim, então, tudo estará claro daqui para frente; detenho-me [aqui]: *Bravo!* Todos, todos com sucesso, vós [todos] sereis dignos de admiração. Isso te agrada? “Aqui”, dizes, “proíbo qualquer um fazer sujeira”. Pinta tu duas

---

<sup>27</sup> São versos inventados para mostrar a falta de sentido criado a partir do uso forçado de metros e vocabulários mitológicos e arcaicos, padrão comum nos tempos de Nero.

<sup>28</sup> Versos de Catulo e Eurípides, respectivamente.

serpentes:<sup>29</sup> meninos, isso é um lugar sagrado, mijai lá fora. Retiro-me. Lucílio cortou a cidade, [cortou] a ti ó Lobo, a ti ó Múcio, e os satirizou. O sagaz [Horácio] Flaco menciona todo vício, causando risos em teu amigo, sagaz, suspendendo o povo com seu nariz em pé. Acaso não é justo eu resmungar? Nem secretamente? Nem em um buraco? Em nenhuma ocasião? Porém aqui cavarei. Vi, eu mesmo vi, ó livrinho. “Quem não tem orelhas de asno?” Eu! Este meu segredo, este meu rir, um tanto de nada te vendo por *Iliáda* nenhuma. Qualquer um que inspirado pelo audacioso Crátino, [e tu que] empalideces ao ouvir o irado Eupólides com o mui grande velho,<sup>30</sup> observai [tu, e estes outros também], como se ouvisses algo forte e aperfeiçoatíssimo. Que meu leitor arda com a orelha em chamadas aqui para frente, e não [seja] alguém que adora ter como piada as sandálias dos gregos e sórdido diria a um caolho, “tu és caolho!”, crendo [ser ele próprio] alguém, pois apoiado em uma honra itálica, teria quebrado medidas iníquas enquanto edil em Arezzo. Nem aquele que engenhoso sabe ter rido de desenhos em um quadro negro e de cones feitos de areia, preparado para muito se regozijar, se uma petulante mulher puxasse a barba de um filósofo cínico. A estes pela manhã dou um edito, após o almoço, Caliroe<sup>3132</sup>”

A estrutura do texto fica bem próxima de uma diatribe, um modelo filosófico de exposição de ideias com críticas mordazes e incorporado num diálogo. A escolha não parece ter sido ocasional, uma vez que o diálogo começa *in medias res* de uma leitura de um texto, emulando talvez somente um treino, talvez uma apresentação fechada de uma obra recém composta. Era muito

---

<sup>29</sup> Referência a uma famosa pintura de gêmeos constante nas obras de grandes poetas, como Virgílio, de que ainda temos resquícios em algumas paredes. Onde houvesse tal pintura, seria considerado um lugar sagrado.

<sup>30</sup> Referência a Aristófanes.

<sup>31</sup> Um poema sobre Fílis e Hipsípila.

<sup>32</sup> Texto original estabelecido por Ramsay (1928), seguindo Conington (1872).

comum a leitura de obras diversas para amigos próximos criticarem e apontarem falhas a serem corrigidas antes de uma publicação. A partir daí, a crítica não recai sobre a obra que teria sido lida, mas sobre o público que a receberia.

Pérsio começa, então, a discorrer, em sua primeira sátira, sobre a realidade artístico-literária na qual está inserido. Aparece destarte o primeiro alvo de suas críticas, um poeta a ser questionado e privado de valor, Ácio Lubeão, cuja obra não sobreviveu. Porém, a crítica não para em Lubeão, ela estende-se a quem lê e lhe dá valor, a nova elite romana, fazendo sempre referência a roupas e adereços novos e a jovens rapazes. Ademais, ao longo da sátira, outras obras de destaque nos anos em que Pérsio viveu são alvos recorrentes das críticas, tanto pela falta de senso crítico, bem como pela qualidade dos versos e da capacidade poética de seus compositores.

Chama a atenção a crítica direta aos jovens poetas, de togas novas – quase todas as composições eram de membros da elite senatorial, no mínimo equestres –, que recitam pomposamente versos que não teriam valor. Em contraposição, há menção a antigos poetas que em nada se vangloriam de ser citados, principalmente porque também não geram novos valores ao serem (possivelmente mal) recitados, já que mortos. Pérsio, contudo, não demonstra interesse em ser posto lado a lado a tais homens sem valor literário, o que aumentaria o valor de seu trabalho e, simultaneamente, diminuiria críticas a seu próprio trabalho.

O demérito a peças literárias é explanado por Pérsio não só pelo pouco valor literário agregado a sua composição, mas também pela recepção observada em uma sociedade completamente ébria. Pérsio cria, ao longo de sua sátira, uma imagem muito bem definida de sua geração: ignorância literária, ebriedade constante, busca única por renome, independente da qualidade da poesia.

Ambas as personagens são apresentadas como homens velhos, de cabelos brancos, de alta importância política e de grande experiência literária, tanto na recitação, quanto na composição. Isso lhes garante uma posição confortável para criticar a falta de gosto e de refinamento de artes nos mais jovens, um movimento que parece recorrente em Roma, já que Cícero critica os novos poetas, que se pautavam na escola de Alexandria; Horácio também fala das experimentações artísticas inapropriadas em seu tempo; e antes mesmo destes, Catão, o velho, censurava a conduta moral e os aspectos culturais e literários

helenísticos da juventude do começo do século II A.E.C. Logo, são cíclicos os apontamentos para a incapacidade de os jovens em seguir um bom caminho nas artes, especialmente a poética.

Porém, desta mesma informação inferimos uma outra assertiva: há um profundo desconhecimento das bases literárias pátrias e uso desmedido e afoito de modelos estrangeiros. Pérsio expõe isso de forma muito pesada, quando diz entre os versos 103 e 106 que a repetição de padrões externos à cultura romana é fruto da falta de (re)conhecimento da poesia romana e da falta de estudo e de trabalho, representados pelas metáforas “escrivainha não frouxa”, em referência a uma mesa sem uso pela falta de estudo, e “unhas gastas”, que representam o trabalho cuidadoso de composição artística de uma estátua ou de um poema – que, primeiro em massa mole, permitiria um trabalho em andamento ser corrigido ou apagado e refeito com as unhas.

Somos levados a crer que, em verdade, boa parte das obras que circulam em seu tempo são frutos de traduções e adaptações. O poema do tão criticado Lubeão se chama “*Ilíada*”,<sup>33</sup> nome, em verdade, da epopeia homérica, ao passo que os versos que literalmente estariam na boca do povo seriam helênicos, fossem de Eurípides, poeta trágico, fossem de Catulo, poeta romano que estabeleceu a escola alexandrino-helenística em Roma.<sup>34</sup> Ou ainda a tragédia de Pacúvio, provavelmente uma imitação de uma tragédia grega. Parece-nos, então, que a mesma crítica que se fazia a Calímaco, principal poeta alexandrino do século III A.E.C., é feita aos seus seguidores: a falta de temática nacionalista em sua poesia – ainda que durante a solidificação da poesia helenística em Roma, temáticas políticas e nacionalistas eram orquestradas pelos homens fortes de Augusto, Messala e Mecenas.

É apresentado nos versos 32 a 35 um homem com adereços de um homem rico, pelo menos de ordem equestre, recitando algo conhecido. A imagem é composta com base no ridículo: a voz e os trejeitos afeminados – podendo ser ou não influência grega, uma vez que a interpretação dentro do contexto é aberta –, os erros de enredo cometidos na narração, a imprecisão em recitar, além

---

<sup>33</sup> Não sabemos se a obra de Lubeão realmente tinha tal nome ou Pérsio assim se refere a ela para expor o fato dela ser uma cópia de má qualidade.

<sup>34</sup> Referimo-nos aqui ao versos de Catulo como helênicos afim de demonstrar a fuga dos modelos latinos, em prol de uma percepção literária helênica.

da caricatura do nariz fungando, como alguém sem modos e sem saúde. Esse é o perfil que seria dado aos novos ricos, ora comerciantes brutos, ora militares incultos, ora escravos libertos, sem modos e sem cultura, comprando aplausos e reconhecimento com jantares, festas, favores e empréstimos.

Ademais, o poeta satírico ainda inclui isso como parte da educação infantil em Roma, ao dizer, nos versos 79 a 83, que, desde o berço, as crianças são levadas a ouvir esses versos e não a poesia latina. Tal decadência está ligada ao status de *homo nouus* (homem novo), ou seja, um recente senador, que não teria o conhecimento adequado do passado glorioso romano. Por isso, até mesmo quando um tema nacionalista era cantado, estaria ligado a um fato sem importância, como a história de Remo e a de Quinto Cincinato, que é comparado a um ditador – e em verdade foi o primeiro ditador romano no século V A.E.C. – apontado como ditador primeiro pela esposa, recém-saído do campo e louvado pelos bois apenas (vv. 73 a 75).

O resultado final dessa decadência de valores literários estaria no ulterior elogio ao final de uma recitação, “Bravo” ou “Belíssimo”. O aplauso e a aceitação de uma obra parecem, então, resumir-se primeiro a um cumprimento de dever do conviva, após ser bem tratado na casa de seu anfitrião – principalmente se ele, conviva, for um *cliens*, alguém que vive de donativos ou empréstimos de patronos; segundo, se a recitação se dá em meio ao uso de substâncias entorpecentes, como álcool e ervas diversas, o julgamento do ouvinte estaria comprometido, donde também seu aceno positivo e seus aplausos à obra recitada.

Onde, então, se encaixaria a sátira de Pérsio neste campo arruinado? Fator importante para entendermos o que era o gênero satírico, por conseguinte, é perceber a posição do poeta em uma teoria composicional, bem como sua diferença em relação aos outros gêneros conforme sua própria percepção. Na sátira que estamos aqui analisando, o poeta contrapõe sua própria obra à poesia épica ou lírica, basicamente, cantos de deuses, heróis, guerras e amores, o sublime. Sua poesia é sobre o homem, não sobre atos divinos, reis, pessoas importantes. O poeta foca em os vícios de uma sociedade feita de pessoas reais e conhecidas. A temática menos fantástica reflete a vida urbana ordinária de um homem romano comum. Segundo os próprios poetas satíricos anteriores a Pérsio, a sátira não tem a inspiração nas Musas tradicionais, não está destinada

à fama e a grandes recitações, apesar de reconhecerem que suas obras serão lidas e ouvidas por todos. Em consonância, o julgamento da obra também deveria ser diferenciado.

Um dos motivos que levam à negação de temas fantásticos é a fonte de inspiração. O poeta satírico depende de motivações externas, a apresentação pública de vícios, para que ele tenha o que escrever, bem como o reconhecimento social daqueles feitos enquanto vícios, para que a recepção seja correta. Horácio (1942, p. 210) diz na sátira sexta do livro segundo, verso 17,<sup>35</sup> que a Musa fonte da sátira é a Musa Pedestre, ou seja, aquela que anda pela cidade e observa seus costumes, contando-os ao poeta, que, por sua vez, os narra em seus poemas. Assim, o gênero satírico é necessariamente urbano e dependente da capacidade e do conhecimento literário de um habitante da cidade.

Pérsio demonstra nos versos 114 a 118 como a influência externa motivou seus principais modelos: Lucílio, o primeiro dentre os maiores poetas satíricos, que apontava os defeitos dos patricios romanos, de forma nominal – como os Cevolas, importante família durante o período republicano; ou então Horácio, que não individualiza a crítica, mas expõe os defeitos da sociedade e de figuras-tipo comuns ao seu público, conseguindo levar aos risos até mesmo o alvo velado de sua poesia. Mas para isso, parece ser necessário ter um talento nato para tal função específica, que nasceria no baço, órgão ligado ao riso segundo o entendimento romano. Com isso, não basta apenas conhecer tais modelos, é necessário também ter uma pré-disposição a este tipo de poesia, além de estar junto à musa que observa a cidade.

Assim, a poesia satírica de Pérsio, como ele próprio diz, é um escape de seu descontentamento com os errados comportamentos e os vícios de seus concidadãos, tendo como exemplo na sátira em questão, a ignorância literária do povo romano em seu tempo e a falta de talento do aplaudido Ácio Lubeão. Esse ataque nominal não era comum em Roma, uma vez que havia diversas leis que protegiam os cidadãos romanos de exposição indevida, legislação tal que possivelmente chegou a causar a prisão de Névio. Porquanto, Pérsio recorre a uma influência não latente da sátira: a Comédia Velha.

---

<sup>35</sup> “*quid prius illustrem saturis Musaque pedestri?*” (Por que primeiro eu darei foco a Musa Pedestre e as Sátiras?)

A influência de Aristófanes, Eupólide e Cratino, tríade maior da Comédia Velha, na poesia dramática em Roma nos é desconhecida. Os principais comediógrafos latinos que conhecemos e temos obras completas são filiados à Comédia Nova, que se desenvolveu no período de dominação macedônica em Atenas e não apresenta críticas pessoais, mas parte de personagens-tipo e repete seus vícios em todas as peças, geralmente com um fundo filosófico-social. Não há nenhuma comédia romana acessível a nós que componha uma figura pública como Aristófanes fez com Sócrates em sua peça “As Nuvens”. Porém, de acordo com Horácio (HORACE, 1942, p. 121), sátira 1.10, a Comédia Velha é influência de Lucílio. Pérsio, a fim de colocar sua obra como poesia satírica, então, apresenta-se lado a lado com o primeiro poeta satírico.

## Conclusão

Pérsio estabelece que os seus versos são território privado seu, onde ele pode gritar suas críticas, como um solo sagrado onde os dogmas são propostos por ele mesmo. Quando o autor coloca a cena de uma pintura e de uma placa proibitiva, “pinta tu duas serpentes: meninos, isso é um lugar sagrado, mijai lá fora. Retiro-me” (vv 113-4), não somente satiriza o fato de não poder fazer críticas em determinados lugares – ou a determinados gêneros literários –, mas também cria o seu próprio espaço, para onde foi ao se retirar, e lá limita por seu próprio desejo o seu cantar e o seu rir. Lugar este que ele próprio assume não ser o primeiro a usar como escape, mas põe Horácio e Lucílio como seus antecessores.

Logo, ao compor versos que falam sobre versos e sua recepção literária, o poeta cria uma espécie de metacomposição, quase uma *ars poetica*, partindo da negação daquilo que é entendido como belo, mas não é, para chegar àquilo que realmente deveria ser considerado belo. Se a sátira é o campo aberto a reclamações, o poema primeiro de Pérsio é um convite à reflexão sobre a produção literária e a realidade cultural da Roma do primeiro século da Era Comum.

Por este viés, podemos afirmar, com base segura, que a obra publicada de Pérsio é inaugurada não por acaso com uma forte crítica ao cenário

literário de seu tempo, ao modo de composição ébrio e enfadonho das poesias épica e elegíaca e à recepção de tais escritos pelos patrícios romanos. A exposição crítica de comportamentos nefastos e de conceitos indevidos teve espaço em Roma, ainda que limitado por leis e posições sociais, o que permitiu a Pérsio desenvolver o gênero satírico de forma a recuperar a influência da Comédia Velha e a dissertar sobre a vida literária no período neroniano.

Assim, o período chamado de Idade de Prata da literatura romana é de um florescer literário tão grande quanto o último século da República Romana, cobrindo praticamente todos os gêneros literários conhecidos até então e dando abertura a novos, como os romances antigos. Nisso, a crítica literária feita por Pérsio em sua primeira sátira é um fundamental ponto de partida para analisar a recepção das obras escritas e suas recitações, durante um período de grande força e liberdade na literatura.

## Referências

BRAUND, Susanna; OSGOOD, Josiah (ed.). *A companion to Persius and Juvenal*. Oxford: Blackwell Publishing, 2012.

HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Edited and translated by H. Rushton Fairclough. Loeb Classical Library. London: William Heinemann Ed., 1942.

JUVENAL, PERSIUS. *Satires*. Translated G. G. Ramsay. Loeb Classical Library. London: William Heinemann Ed., 1928.

MARTIN, Rene; GAILLARD, Jacques. *Les Genres Litteraires à Rome*. 2ª ed. Paris: Nathan Editions, 1990.

PERSIUS FLACCUS, A. *The Satires*. Translated by John Conington, edited by H. Nettleship. London: Macmillan and Co Publishers, 1872.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria*. Vol. I - IV. Translation and notes H.A. Butler. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

## **META-COMPOSITION AND LITERARY CRITICISM ON THE PERSIUS' FIRST SATIRE**

### **ABSTRACT**

The comic traces that lead to questionings and criticism had always been part of the Roman soul. Nevertheless, literary criticism would be enforced only within the genres born from the Hellenistic influence that was growing since the fall of the Republic. It is no accident, the right of criticism, already buried by laws, was entwined with the literary evolution, and through the satiric poetry, as the Persius' poem here analysed, it establishes a new way of literary criticism.

**KEYWORDS:** Persius; satire; Literary criticism